

O dilema da prometeutica cardíaca

The dilemma of cardiac prometeutics

Jefferson Petto^{1,2,3} , Marvyn de Santana do Sacramento^{1,2} , Ana Marice Teixeira Ladeia³ 

1. Actus Cordios Reabilitação Cardiovascular, Salvador, BA, Brasil

2. Centro Universitário Social da Bahia, Salvador, BA, Brasil

3. Escola Bahiana de Medicina e Saúde pública, Salvador, BA, Brasil

Como Prometeu sou castigado por levar a chama aos humanos¹. Paradoxo que em mim carrego desde o meu despertar. Entrelaçamento de mito e realidade de quem emana o bem e o mal, de quem decide entre a vida e a morte.

Hoje vivo esse paradoxo de forma mais intensa, pois palpito como um contador regressivo que insiste em prorrogar. O som dos instrumentos que me cercam já soa familiar e reconheço as notas agudas e prolongadas que precedem uma agitação nos corredores. Ciclo de misofonia que se tornou constante neste último mês.

E no preambulo deste derradeiro ato, lembranças surgem fortuitas, inusitadas de forma irregular como disrritimado é hoje meu canto.

São lembranças tristes como a despedida do meu coração amigo e confiante, como a confirmação da minha enfermidade repentina e incapacitante.

São lembranças da rotina simples que dão sentido e sabor ao que foi diferente.

Lembranças atreladas a sentimentos nobres, por vezes vis. Contraponto que equilibra a existência. Por isso atesto, mesmo que desmentido pelo cartesianismo científico, como verdadeira a máxima Bíblica – “De mim partem todos os desejos da alma!”².

São lembranças de felicidade, como o brotar da minha primeira e segunda sementes, pedaços de mim que ainda pulsam. Como a conquista da minha primeira maratona, como o beijo do meu primeiro e único amor – Eros! necessário dizer.

E assim nos afeiçoa e nos engana a vida, como dizia Manoel³, pingos de felicidade cerceados por rotina e sofrimento, que nos dão a esperança de que em algum instante eles possam novamente irrigar nosso jardim.

Essas recordações me dão folego e a elas me agarro como a mim se agarram a mente, o corpo e a alma. Com elas resisto, insisto!

Mas estou cansado, tecnicamente exausto. Afinal, foram 78 anos e a carga que hoje carrego é por demais agonizante.

Novamente o dilema de Prometeu me assola. A intenção altruísta de manter a chama acesa, atrelada ao sofrimento contínuo. A díade fictícia e real novamente se confunde e se imbrica.

Dilema que não compartilho, pois meu mundo, antes imenso, hoje se resume a um ambiente gélido e monocromático, povoado por rostos alternantes e desconhecidos. Por isso, prossigo em meu solilóquio irresoluto.

Oxalá, meu último ato fosse como o primeiro: incólume, ingênuo, sem recordações. Seria mais fácil e leve a minha despedida. Desejo niilista do poeta Pessoa⁴.

Silêncio... Uma pausa longa é seguida por um silvo retumbante.

Tentam me reanimar! Sou eu quem decide, Sou eu quem precisa decidir.

Ainda confuso e inerte sou tomado de um sentimento de eternidade... Permanecerei no amor que ainda vive, nas lembranças dos amigos que ainda ficam e colherei sorrisos singelos e estivais como singela e estival foi minha existência.

Um novo choque! Preciso decidir, Sou eu quem decido e exclamo: . !

Dedicado aos bons corações que em 2020 encerraram sua poesia.

Notas

1 - Prometeu, Titã da mitologia Grega que foi penitenciado por levar o fogo aos humanos. Sua ação gerou a ira de Zeus, que ordenou seu acorrentamento em um rochedo, no qual uma águia todos os dias lhe dilacerava o fígado, que se regenerava constantemente, resultando em um sofrimento contínuo.

2 - Referência ao versículo bíblico de Provérbios 4:23.

3 - Manuel Bandeira (Manuel Carneiro de Sousa Bandeira Filho). Poeta brasileiro, nascido em Pernambuco no dia 19 de abril de 1886. Fez parte da primeira geração de poetas modernistas brasileiros. O trecho alude ao poema "A Vida Assim nos Afeiçoa" do livro As Cinzas das Horas.

4 - Fernando Pessoa (Fernando António Nogueira Pessoa). Poeta nascido em Lisboa, Portugal, em 1888. Um dos principais nomes do Modernismo português e adepto do niilismo.